

POR UM MUNDO SOLIDÁRIO

Em discurso para os parlamentares franceses, Fernando Henrique critica a política externa norte-americana

Marcos Savini
Correspondente

Paris - Luta contra o terrorismo sim, mas sem deixar de lado suas causas profundas. Esse foi o tom do discurso no qual o presidente Fernando Henrique Cardoso lançou ontem, na Assembléia Nacional da França, o apelo por uma nova ordem mundial ou, mais exatamente, um "novo contrato internacional", que responda às necessidades de segurança dos Estados, mas que não deixe de contemplar "o desenvolvimento, a democracia e o respeito aos direitos humanos".

O lugar não poderia ser mais propício para Fernando Henrique ensaiar o discurso que fará na abertura da Assembléia Geral das Nações Unidas, daqui a duas semanas. Com exceção das divergências sobre protecionismo aos mercados agrícolas europeus, os governos do Brasil e da França têm posições coincidentes em todos os principais temas da agenda internacional, em especial na cruzada por novas regras, mais "solidárias", para o controle dos efeitos nefastos da globalização. É o caso, por exemplo, da idéia de taxação dos fluxos financeiros, que tem em Lionel Jospin, primeiro-ministro francês, o mais ardoroso defensor entre os líderes dos países desenvolvidos.

A França é também uma incansável defensora de um mundo "multipolar", no qual a ordem não seja imposta por uma única superpotência. Fernando Henrique, sem jamais mencionar diretamente os Estados Unidos, agradeceu aos ouvidos dos parlamentares franceses, afirmando que "a barbárie não é somente a covardia do terrorismo, mas também a intolerância ou a imposição de políticas unilaterais em escala planetária". Terminado o discurso, já na recepção em sua homenagem, ele confirmaria à imprensa que se referia sim aos americanos, não como crítica, mas como encorajamento para que se ponha um fim a uma ordem mundial unilateral. "É preciso virar a página", afirmou.

Em seu discurso à Assembléia Nacional, o primeiro feito por um presidente brasileiro, Fernando Henrique explicou como acredita que essa "página" será virada. "É preciso reagir com determinação ao terrorismo, mas ao mesmo tempo enfrentar, com igual vigor, as causas profundas e imediatas do conflito, de instabilidade, de desigualdade",

disse ele obtendo aplausos imediatos da platéia.

Para combater as causas profundas do terrorismo, Fernando Henrique deu algumas pistas em seu discurso. Primeiro, reclamando "passos concretos para a constituição de um Estado palestino. Em seguida, defendendo a tributação da circulação de capitais "para lutar contra a pobreza, a fome e as doenças nos países mais carentes, a ratificação do Protocolo de Kyoto (sobre combate ao efeito estufa e ao aquecimento da atmosfera) e do Tribunal Penal Internacional (TPI), a reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas e o perdão da dívida externa dos países pobres.

PROTECIONISMO AGRÍCOLA

Integração foi o outro tema do discurso de Fernando Henrique. Aqui, ao contrário do apoio incondicional, divergências com os franceses. O presidente brasileiro fez profissão de fé sobre um futuro acordo entre o Mercosul e a União Européia (UE), que hoje

parece suscitar mais entusiasmo entre autoridades e empresários brasileiros do que as negociações de uma Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

"Eu repito: sejam quais forem as circunstâncias, o Brasil buscará associar-se à UE e conta com o apoio da França", afirmou o presidente. Como já era esperado, ele insistiu no interesse brasileiro de ter "maior acesso ao mercado agrícola comum e de poder competir em igualdades de condições". A mensagem, embora mais do

APOUCADOS E PLÚMBEOS

O ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer, caprichou no português empolado para criticar o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, em Paris. A sugestão, feita por Lula e pelo deputado Aloizio Mercadante, há um mês, de que a política agrícola européia deva servir de modelo para o Brasil e para o Mercosul é, para Lafer, a demonstração de que a oposição no Brasil tem uma "visão apoucada e plúmbea" das relações internacionais contemporâneas. O que queria dizer o ministro é que a visão do PT sobre o assunto era "restrita" e "soturna".

que conhecida, ganha um peso especial quando pronunciada em plena sessão da Assembléia Nacional da França, país que mais se beneficia dos cerca de 40 bilhões de euros em subsídios oferecidos todos os anos pela União Européia a seus fazendeiros.

Mas, depois de morder, Fernando Henrique soprou, ao sugerir que a responsabilidade pelo protecionismo agrícola dos países ricos não cabe apenas aos franceses: "O preço dessa mudança não deveria ser pago apenas pela França, uma vez que outros países mais poderosos continuam a subsidiar fortemente seus produtos agrícolas. "A referência indireta, mais uma vez, recaiu sobre os Estados Unidos, arrancando a segunda grande onda de aplausos da platéia de parlamentares.